

## O CÃO COMO TESTEMUNHA

Amauri Vieira Barbosa\*

O Reclamante dizia ter trabalhado por dois anos no sítio Ribeirão Vermelho.

A Reclamada, uma professora, negou a prestação de serviços. Em audiência, disse que conheceu o Reclamante no átrio do fórum:

- Onde já se viu uma coisa dessas, doutor?

Na audiência, o Reclamante trouxe declarações que davam viabilidade a que se reconhecesse que, se ele não trabalhara, sabia bastante sobre o sítio e sobre a vida familiar da Reclamada, o que tornava a alegação de desconhecimento cabal pouco provável.

Não havia testemunha; a convidada pelo Autor deu o cano. A Ré nadava de braçadas, processualmente falando.

Resolvi fazer inspeção judicial. Fomos ao Sítio Ribeirão Vermelho.

O plano era encontrar o irmão da Reclamada e buscar informações sobre o caso. A tese do “nunca vi mais gordo” era inverossímil.

Chegamos lá e o irmão não estava. O Reclamante estava seguro do que dizia. A Reclamada se acomodava na tese do “nem conheço”.

Um cachorro na coleira; perguntei o nome ao Reclamante. Ele disse:

- Esse é o Leão.

Foi chegando perto e mudou a versão:

- Não, não. Não é o Leão, doutor.

Papo vai, papo vem, assunto aqui, com o Reclamante, assunto ali, com a Reclamada, e vi um cachorro dormindo, a uns vinte metros.

---

\* Juiz do Trabalho titular da VT de Cajuru, do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região.

Perguntei ao Reclamante:

- Qual é o nome daquele cachorro, seu moço?

- Ah, doutor... aquele é o Rajão, com certeza!

- Então chama ele!

- Rajão! - disse o Reclamante.

O cachorro levantou as orelhas, abriu os olhos... ato contínuo levantou-se e foi correndo em direção ao Reclamante, uma festa só.

Se a Reclamada jurava que nunca conhecera o Reclamante, e que ele nunca pisara no sítio, Rajão dizia o contrário: o Reclamante, quando menos, era um *habitué* no pedaço.

Tive segurança - certeza inequívoca - de que o Reclamante, ou trabalhara no Ribeirão Vermelho, ou pelo menos tivera vivência no lugar.

Mais uns minutos e chega o irmão da Reclamada, vindo da cidade com a lavagem para os animais do sítio. Conversa dura, o irmão entra em contradição. Primeiro, vai na linha da dona do sítio, e diz que nunca vira o reclamante. Depois diz que o conhecia da cidade, só isso.

- Ele nunca pisou aqui, doutor, nunquinha...

Aí contei da reação de Rajão ao ser chamado pelo reclamante. Então o irmão sentiu o golpe, desconcertou-se. Mais um pouco de conversa e ele entregou tudo:

- O Reclamante trabalhou aqui, doutor. Recebia salário, sim. O dinheiro saía das minhas mãos ou das mãos da minha irmã. Era eu quem trazia comida para ele. Ele morava naquele cômodo ali; água ele bebia do corgo - a mesma água servida ao Rajão.

Não fosse o Rajão e a história seria outra. Devo ao Rajão a oportunidade de não ter cometido um erro judiciário.

Assim foi meu dia de cão.